

# Para banqueiro japonês, o Brasil não devia pagar os juros

Se o Brasil se mantivesse firme na moratória, sem negociar pagamentos esporádicos de juros, encontraria muito mais facilmente uma solução para o problema da dívida externa. O pagamento de parte dos juros enfraquece a posição brasileira na mesa de negociações. A tese foi defendida ontem, em São Paulo, por Shoichi Osada, chairman do Tokyo Sogo Bank, coligado do Banco de Tokyo e responsável pela maior parte da captação no mercado japonês dos recursos que o Banco de Tokyo aplica no exterior.

Osada admitiu que sua tese "não é muito responsável", mas uma vez que o Brasil optou por esse caminho, deveria ir nele até as últimas consequências. O Japão, disse Osada, não foi afetado diretamente pela moratória brasileira e o fato de estar estudando a modificação de sua legislação para se prevenir contra novas moratórias deve-se à preocupação com os devedores sem recursos, especialmente as Filipinas. O Brasil não se inclui nesse rol, disse o banqueiro, porque tem condições de saldar seus compromissos a longo prazo.

Uma vez, porém, que a moratória foi "relaxada", Osada acredita que o melhor caminho seja

partir logo para uma negociação formal, isto é, com o FMI, da qual nenhum devedor pode escapar. Mas a ênfase deve ser dada às várias negociações informais, de governo e governo, as quais o Brasil, em sua opinião, está negligenciando. Na verdade, Osada estava referindo-se especificamente às negociações com o Japão.

"O que desagrada o governo japonês é o fato de o Brasil não ter enviado nenhuma comissão de altíssimo nível para negociar diretamente com o primeiro-ministro. O Brasil coloca o Japão sempre em terceiro lugar, depois dos Estados Unidos e da Europa", disse.

Numa negociação direta, Osada acredita que o Brasil conseguiria do Japão muito mais do que imagina. Essa despreocupação em relação ao Japão, na sua opinião, é o único motivo para o entrave da liberação para o Brasil de parte dos US\$ 30 bilhões que o governo japonês está destinando este ano aos países devedores. Nem a constante troca de ministros da área econômica preocupa as autoridades japonesas, disse Osada.

E o clima desfavorável que o ex-ministro Dilson Funaro encontrou no Japão, em 86, garantiu o banqueiro, mudou muito depois que Noburo Takeshita assumiu

como primeiro-ministro. "O deputado Takeo Fukuda (ex-primeiro ministro) virá ao Brasil dia 18 de junho e trará novidades a esse respeito", adiantou Osada.

## INVESTIMENTOS

Apesar desse ambiente de boa vontade descrito pelo banqueiro, os investimentos japoneses diretos no Brasil continuam paralisados, desde 1982. As indefinições da Constituinte com relação ao capital estrangeiro e as limitações da atual legislação de remessas de lucros são, segundo ele, impedimentos para definições mais claras do retorno dos fluxos de investimentos.

Osada veio ao Brasil para visitar empresas japonesas e colher, de perto, informações conjunturais mais precisas. Ele fica até o final da semana no Brasil e depois segue para Paris. Ao final do encontro com os jornalistas, ontem, assumiu o papel de entrevistador. Sua principal preocupação era saber, dos jornalistas brasileiros, qual a possibilidade de o Partido Comunista ou de os militares tomarem o poder. A maior curiosidade era sobre como os brasileiros convivem com uma inflação de 365% ao ano (no Japão a inflação anual é de 1%).